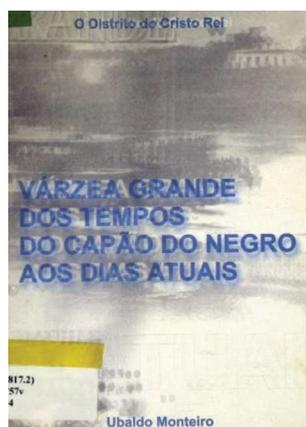


OS CEM ANOS DE UBALDO MONTEIRO DA SILVA

Breve reflexão sobre o Quilombo Capão do Negro

Suíse Monteiro Leon Bordest

(Geógrafa e membro efetivo do IHGMT. bordest@uol.com.br)



Não poderíamos deixar passar despercebida à geração atual e daqueles que com ele conviveu os *Cem Anos de Nascimento de Ubaldo Monteiro da Silva*. Particularmente aos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, uma vez que, no transcurso da segunda metade do século XX, participou assiduamente dessas duas Casas.

Ubaldo nasceu em 16 de maio de 1916, na cidade de Várzea Grande-MT, tendo falecido em 29 de maio de 2004, em sua terra natal. Filho primogênito de Alfredo Monteiro da Silva e Ana Emília da Silva, residiu com sua família no bairro do Porto de Cuiabá, nas imediações da Igreja São Gonçalo. Estudou no Grupo Escolar Senador Azeredo e depois no Liceu Cuiabano. Continuou seus estudos no Curso de Formação de Oficial da Polícia do Estado do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1943.



Curso de Formação de Oficial da Polícia do Estado do Rio de Janeiro. Acervo da Família

Casou no ano de 1941, por procuração, com Neuza Ribeiro Monteiro da Silva, jovem que namorou desde os bancos de escola. Daí porque eu, embora pertencesse a família tradicionalmente cuiabana, importa confessar-lhes que nasci na cidade do Rio de Janeiro, na Cidade Maravilhosa, como meus pais costumavam nominá-la.



D. Neuza Ribeiro Monteiro da Silva. Acervo da Família

De volta a Cuiabá, Ubaldo, entre outros cargos que exerceu na corporação, fundou, lecionou e dirigiu a Escola de Oficiais da Polícia Militar de Cuiabá, por seis anos, na década de 1950. Reformou-se como Tenente-coronel. Como Deputado Estadual, assumiu cadeira na Assembleia Legislativa de Mato Grosso por duas legislaturas (1959-1963; 1964-1966).

Fora da política, teve a oportunidade de ocupar, durante a década de setenta, funções na Secretaria de Justiça do Estado de Mato Grosso. Em Várzea Grande, atuou na Secretaria de Obras da Prefeitura, na qualidade de secretário, e presidiu a Casa de Cultura e Arte da mesma cidade, havendo hoje, ali, uma sala em sua homenagem. Trabalhou por vários anos na condição de professor do ensino fundamental e ensino

médio. Foi sócio e presidente do Rotary Clube de Várzea Grande, a propósito do qual deixou importante relato. Foi torcedor do Clube Operário, de futebol.

Profundamente apaixonado pelo povo e por tudo que dizia respeito a essa cidade, coube a meu pai compor a letra do Hino de Várzea Grande. Para sempre, inscreveu seu nome no coração dos várzea-grandenses.

Hino de Várzea Grande – MT (1982)

Salve tu Várzea Grande garrida,
Berço heroico de um povo tenaz
Dessa gente apegada na lida
Na qual forja o progresso e a paz.

Salve o preso, o viril Brigadeiro
E o soldado - oriundo do passado
Forte gente que aqui veio primeiro
E fundou este cantinho abençoado...

Novas luzes se acendem
Novas metas já pretendem
A conquista é magistral...
Depois da jornada bruta,
Um bravo povo foi à luta
E fez a urbe industrial...

Como a flor Várzea Grande crescia,
Uma Igreja pequena surgiu
A de Nossa Senhora da Guia
Tradição que o poder garantiu.

Lá no Trevo do Zero, dois braços
Escreveram o V da vitória
É o asfalto invadindo outros espaços
Rico evento inserido em nossa história.

Novas luzes se acendem
Novas metas já pretendem
A conquista é magistral...
Depois da jornada bruta,
Um bravo povo foi à luta
E fez a urbe industrial...

Salve Terra Querida e bendita,
Onde o céu quase sempre é anil
Salve minha cidade bonita
Várzea Grande
Pedacinho do Brasil... (bis)

Ubaldo tinha o dom da oratória e, por isso, era frequentemente solicitado a discursar em comemorações, como fazia quase sempre a convite da Polícia Militar, no dia de Tiradentes, em homenagem ao seu patrono maior. Sempre gostou de escrever, e a partir dos anos setenta, já aposentado e contando com apoio da família, dos amigos e da mídia jornalística, passou a se dedicar mais intensamente à pesquisa e à literatura de Várzea Grande. Ubaldo foi incansável no registro da história e memória dessa cidade, pela qual nutria inabalável sentimento de afeto. Foi ainda membro da Sociedade Amigos de Rondon, sócio efetivo do IHGMT por quatro décadas, e integrou a Academia Mato-Grossense de Letras, desde 18 de novembro de 1987.



Ubaldo Monteiro da Silva, Deputado Estadual. Acervo da Família

Elegi homenageá-lo, nesta edição da Revista do IHGMT, comemorativa dos centenários de nascimento de três sócios da Casa Barão de Melgaço: Ubaldo Monteiro da Silva, Luis-Philippe Pereira Leite e Gervásio Leite. Nesse intento, retomo um de seus últimos escritos, publicado no formato de livreto, voltado à memória de um tempo que tem que ver com nossa família, com suas experiências e conhecimentos adquiridos no passado, relativamente a esse lugar. Ei-lo, *Várzea Grande: dos tempos do Capão do Negro aos dias atuais*.

Alguns episódios desfilados nesse opúsculo e revividos nesse texto, já eram de meu conhecimento. De um lado, porque na minha infância cheguei a conviver com algumas pessoas desse povoado. Por outro, em razão de ter participado das costumeiras rodas de conversa em família, ao final das tardes, sentada à porta da rua, ou após o jantar, quando os mais velhos em suas cadeiras de balanço, com as crianças em volta, punham-se a conversar sobre fatos do dia-a-dia. Naqueles momentos, meu pai, minha mãe, meus avós maternos, com quem morávamos, costumavam lembrar “causos”, seja exemplo, o dos escravos libertos que conviveram com nossos antepassados. Ubaldo

sempre entremeava a conversa com passagens ou dados históricos significativos do estado de Mato Grosso, onde viveu atuando como delegado de polícia. É de sobressair as cidades de Cáceres, Ponta Porã e Corumbá. Se bem assim, eram principalmente relatos vividos em Várzea Grande, tingidos em cores alegres e vivas. Afinal, Várzea Grande era o coração de sua existência, sua parte mais sensível e palpitante.



Primeiros proprietários da Chácara São João. Acervo da Família

Creio que, por força de sua convivência de longa data com o bairro do Porto, assentada num balaio de lembranças, sua pesquisa tenha se circunscrito à ideia de escrever sobre curiosidades do antigo povoado Capão do Negro. Cuida-se de publicação modesta, escrita com dificuldade, tanto pela idade já avançada como pelo problema da visão. Passo a relatar alguns trechos. Não bastasse a saudade que me evoca, esta matéria se presta para homenagear uma região tão carente de recursos, mas, ao mesmo tempo, tão rica de carinho distribuído a mãos largas por meu saudoso pai.

Dizia ele que, no período do Brasil colonial e imperial, viviam em Cuiabá escravos que, sempre que fugiam de seus domínios, atravessavam o rio e iam se esconder nas matas de um grande capão, em terras de Várzea Grande, vivendo ali como podiam. Quando algumas pessoas precisavam transitar pelo lugar, sentiam medo e o denominavam de Capão do Negro. Assim permaneceu até a data da libertação dos escravos e da proclamação da República.

Naqueles anos, essas terras já pertenciam ao major João Vieira de Azevedo e sua esposa, Escolástica da Costa Ribeiro Azevedo (Nhá Corá). Nela, nada havia que não fosse a tortuosa *Estrada Boiadeira*, que demandava a Nossa Senhora do Livramento.

Essa extensa área, com cerca de uma légua quadrada, passou todo o século XIX inexplorada, tendo como sede a Chácara São João, onde havia um casarão nas proximidades do rio Cuiabá, uma espécie de fortaleza, onde se encastelavam alguns

escravos. Era também conhecida, na época, pelas festas juninas que João Vieira realizava todos os anos no dia de São João, hábito que continuou com seu filho Belinho, nas primeiras décadas do século XX.

Pontua que, em volta da casa se ergueram dois galpões, nos quais se acomodavam alguns de seus escravos, viajantes e cargas que chegavam, quase sempre de Livramento. Os que vinham de carroça soltavam os animais no pasto cercado, onde os viajantes armavam suas redes e pernoitavam, tratavam de negócios e, ao final do dia, retornavam para suas casas.

A chácara São João manteve seus escravos até a década de trinta do século passado. São lembrados os nomes de Querubina e João, seu marido, que foi criação da casa. Entre outros escravos, merecem relevo: Elisa, Catarina, Nhô Du, Ubirajara, Chico Bugre, Trunqué e Serzeredo. Um deles, o Ubirajara, ganhou a liberdade ainda em poder de Abelardo Ribeiro de Azevedo (Belinho), filho mais velho do casal João Vieira e D. Escolástica (Nhá Corá).

Em 1937, Belinho cedeu ao município de Cuiabá a área de terras que incorporava o Córrego de Areia, Rabelo, Capão do Negro, Lagoa dos Patos e Jacaré, a fim de ali ser localizada uma colônia de trabalhadores. Mais tarde, recebeu o nome de *Colônia União*.

Atualmente, o *Capão do Negro* é tido como terras remanescentes de um quilombo urbano, situado no município de Várzea Grande, cuja Certidão está em fase de ser expedida pela Fundação Cultural Palmares e legalizada pelo INCRA.

A partir do final da década de 1930, passaram a residir em terras do Capão do Negro, doadas pela Prefeitura de Cuiabá: Nhoaque, Francisco Ribeiro, João Ribeiro, Bernardo (o Sinimbu), Calixto, João Apólito, D. Cecília, Dormedino, Amaro, Benedito A. Moreira, João Pinto, Francelino, João Barnabé, Sr. Elesbão, Fancolino, Joãozinho de Siá Davina, Aristides, Sr. Carlos e D. Gregória C. de Campos (Nhá Goia).

O jornal *A Gazeta*, de 16 de março de 1996, encartou uma entrevista com minha mãe, Neuza Ribeiro Monteiro da Silva, neta de D. Escolástica, discorrendo sobre o antigo Capão do Negro, hoje bairro Cristo Rei, reforçando a tese de que, em sua origem, teria sido área remanescente quilombo.

Também eu, quando criança, conheci a comunidade Capão do Negro, ainda constituído predominantemente de famílias descendentes de escravos. Aí residia a família do Seu Barnabé e Siá Donária, pais de Noé, Nilce, Nilcina, entre outros filhos e filhas. Eram pessoas simples, honestas e trabalhadeiras, como ocorria no geral, com os

moradores desta comunidade. Nilcina foi minha amiga na infância: brincávamos juntas sob as frondosas mangueiras de nosso quintal.

Conforme Siqueira (2002), em Mato Grosso havia os “escravos domésticos”, ou seja, aqueles que se dedicavam exclusivamente às tarefas da casa dos senhores, aí incluídos as amas de leite, cozinheiras, mucamas - que serviam as mesas -, as pajens, que distraíam as crianças, e os moleques de recado. No interior das residências, os escravos faziam os serviços gerais, eram encanadores, pedreiros carpinteiros e transportadores de água e lixo.

Na antiga comunidade Capão do Negro, após a abolição, vários afrodescendentes continuaram desempenhando essas funções, sempre percebendo baixa remuneração.

Como em muitas outras comunidades da bacia do rio Cuiabá, aquela dos afrodescendentes do Capão do Negro, basicamente, se sustentava da agricultura de subsistência, caça e pesca. Plantava-se milho, mandioca, cana-de-açúcar, banana e plantas medicinais. Até meados do século XX, os homens se dedicavam aos serviços de pedreiro, marceneiro, pescador, verdureiro, leiteiro, carregadores de água e fabricavam produtos toscos em madeira, latão, barro etc. Empurrando carrinhos de mão, conduzindo carroças ou charretes vendiam diretamente nas casas ou na feira do Porto, em Cuiabá. Até aquele período, de modo geral, as mulheres trabalhavam como domésticas, cozinheiras, copeiras, lavadeiras e passadeiras de roupas nas residências das famílias mais abastadas. À época, suas casas, no mais das vezes, eram de barro e cobertas de sapé, sendo outras de telha de barro ou zinco.

Na segunda metade do século XX, costumes e paisagem foram modificando aquelas paragens. Sensível mudança na urbanização ocorreu a partir do final da década dos anos cinquenta, com o asfaltamento da Avenida da FEB, se intensificando nas décadas seguintes. Vestígios do antigo quilombo *Capão do Negro* foram desaparecendo à medida que foi sendo incorporado ao bairro da cidade de Várzea Grande, denominado *Cristo Rei*. Este, atualmente, engloba o Seminário Cristo Rei, o Univag, o aeroporto Marechal Rondon e o moderno *Shopping Várzea Grande*, entre outros. Assim, o Capão do Negro pode ser considerado a *célula mater* do atual bairro Cristo Rei, no município de Várzea Grande.

Ubaldo, ao denotar que, atualmente, a maioria dos habitantes do bairro Cristo Rei, procedentes de diferentes regiões do país, ali chegados a partir da década de 1960, foram atraídos pelos incentivos fiscais e doações de terrenos pelo governo municipal,

desconhecendo a história da ancestralidade escrava do local, mas resgatada sua memória em livreto.

Nelson de La Corte (1998, p. 210) chama atenção para a importância de conhecer a história e localizá-la. Lembra o autor que a história é feita por todos, apesar de diversificados os papéis de cada um, embora todos compartilhem, sustentem e promovam o movimento. Diz ele que, quando se busca entender o Hoje, há que incomodar com a visão retrospectiva dos precedentes, dos fundamentos, de suas sementes e raízes.

E nesse Ontem ao qual nos referimos Hoje, num tributo justo e oportuno a Ubaldo, queremos saudá-lo reconhecendo em suas pegadas compartilhadas com seus pares, seu esforço e sua sensibilidade ao produzir sentidos de suas experiências de vida, sentidos extraídos do anonimato.

Referências

SILVA, Ubaldo Monteiro. *Várzea Grande dos tempos do Capão do Negro aos dias atuais*. Publicação do autor. 2001.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

LA CORTE, Nelson de. Depoimentos. In: Os 70 anos de Pasquale Petrone. *Bol. Paul. de Geo.* São Paulo, n. 75, AGB, 1998, p. 21-26.